

# A PUBLICIZAÇÃO E A LEGITIMAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL<sup>1</sup>

## *PUBLICIZATION AND LEGITIMATION OF NON-FORMAL EDUCATION*

Valéria Aroeira GARCIA<sup>2,3</sup>

### RESUMO

A educação não formal como área do conhecimento pedagógico passou a ser observada como válida e como possibilitadora de mudanças, inclusive dentro da própria concepção de educação, a partir de seu aparecimento e de sua inclusão como área pedagógica em documentos e artigos relevantes da área educacional. A prática construída pela educação não formal foi observada e passou a ser considerada como uma possibilidade educacional no momento de debates sobre a crise da educação escolar. Outros jeitos de “fazer” educação foram percebidos como válidos e, a partir de então, ganharam espaço, status e uma nova área educacional, por oposição ao que estava (e está) em crise, é legitimada. Parece ser esse o momento de criação não da ação da educação não formal, mas desta como área conceitual.

**Palavras-chave:** Educação não formal. Educação fora da escola. Conceito de educação não formal

### ABSTRACT

*Nonformal education has been identified as a valid instrument and as a potential social change possibility within the overall conception of education especially after its insertion and recognition as an educational area in official documents and as an object of relevant educational articles. The practice of such specific education has been investigated and it is has been considered as an*

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte de tese de doutorado intitulada: A educação não-formal como acontecimento. Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas - SP, 2009.

<sup>2</sup> Pesquisadora do Centro de Memória, Universidade de Campinas. Campinas, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Supervisora educacional, Prefeitura Municipal de Campinas. Campinas, SP, Brasil.

R. Mogi Mirim, 1040, Jardim Campos Elíseos, Campinas, 130505-43.

E-mail: <va\_garcia@hotmail.com>.

*educational possibility face to the crisis of school education debate. Other alternatives in doing and promoting education are being validated and gaining political space, status a new area of educational knowledge and legitimation in opposition to what is or was considered under crisis. This is the creation moment, not of the practices, but the concept of nonformal education.*

**Keywords:** *Nonformal education. Outside school education. Concept of nonformal education.*

## INTRODUÇÃO

Ao falar sobre educação, no primeiro momento nos vêm à mente as escolas - os sistemas formalizados e formalizadores de ensino -, demonstrando que temos cristalizada a associação entre educação e o sistema educacional formalizado.

Não há como falar sobre educação não formal sem levar em conta sua relação com a escola, não por ela exercer algum tipo de supremacia, mas pelo fato de historicamente ter sido compreendida como sinônimo de educação.

Segundo Trilla (1996), a expressão *educação não formal* começa a ser utilizada, em relação ao campo pedagógico, concomitantemente a uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino, em um momento histórico em que diferentes setores da sociedade (não só o pedagógico, como também o serviço social, a área da saúde, cultura e outros) são percebidos como impossibilitados de responder a todas as demandas sociais impostas e delegadas.

Segundo Trilla (1996), o termo educação não formal apareceu no final da década de sessenta. É o período em que surge e penetram nas discussões pedagógicas vários estudos sobre a crise na educação. A compreensão geral do termo “educação” como sinônimo de escola fez com que a educação não formal passasse a ser difundida e compreendida como recurso para superação da crise na educação formal.

Enfatizando as questões discutidas em relação à crise no sistema formal de educação,

o autor ressalta como a crise na escola favorece o surgimento do campo teórico da educação não formal:

*Uno de los diagnósticos que se derivaban de los análisis sobre esta crisis era el de que si los sistemas educativos se mantenían con los mismos medios y instituciones convencionales con que habían estado funcionando hasta el momento, por más que éstos crecieran en cantidad y capacidad, difícilmente aquellos sistemas estarían en disposición de satisfacer la demanda social de educación. Es decir, que la sola expansión del aparato escolar no serviría como único recurso para atender a las expectativas sociales de formación y aprendizaje (TRILLA, 1996, p.15).*

Trilla (1999) faz uma análise bastante interessante sobre o momento histórico, no qual as razões econômicas são destacadas como fundamentais para deflagrar, ou trazer em evidência, a “crise mundial” da educação (escolar), e como essa crise é apontada por órgãos internacionais importantes, favorecendo - no nosso ponto de vista - a criação da educação não formal como campo conceitual.

Trilla (1999, p.202) nos apresenta, em itens, alguns tópicos como marcantes para deflagrar a crise mundial da educação, e que de certa forma publicizaram características da crise: *“o discurso tecnocrático-reformista da crise da educación; as críticas radicais á institución escolar; a formulación de novos conceptos e o paradigma do medio educativo<sup>4</sup>”*. Cada uma

<sup>4</sup> Citação em galego (língua falada na região da Galícia - Espanha).

dessas características promoveu, por um lado, o fortalecimento de uma nova maneira de compreender o papel da educação formal e, por outro, contribuiu para dar visibilidade a outros fazeres educacionais fora do contexto da escola tradicional. As características apresentadas se referem à divulgação, por importantes autores e órgãos (COOMBS, 1986; UNESCO, 1977, 1979), da impossibilidade de a escola responder pela educação de maneira ampla e genérica; à publicação de uma série de estudos de programas e propostas educacionais alternativas, que por sua vez criticavam os modelos e fazeres tradicionais da escola; à divulgação do conceito de educação permanente que passou a legitimar e valorizar outras maneiras de educar e educar-se e, por fim, à compreensão e aceitação de que o meio também educa.

A crise da escola se dá, nesse momento histórico, por esta não ser mais uma instituição suficiente para responder às necessidades impostas pela sociedade, no sentido de favorecer cuidados e formação dos sujeitos. As críticas não se faziam, assim, às especificidades do cotidiano escolar, mas à instituição como um todo que já não era - nem é - capaz de responder às diferentes inquietações educacionais, sociais e históricas.

Coombs (1986) analisa uma série de fatores ao tratar da crise da educação, que, segundo ele, é mundial; respeitando as diferenças culturais, sociais e econômicas de cada país, afirma haver algumas questões que abarcam a área educacional como um todo e a maneira como ela está estruturada.

A natureza desta crise é sugerida pelas palavras 'mudança', 'adaptação' e 'desajustamento'. A partir de 1945, todos os países vêm sofrendo mudanças ambientais fantásticamente rápidas, provocadas por uma série de revoluções convergentes de amplitude mundial - na ciência e tecnologia, nos assuntos econômicos e políticos, nas estruturas demográficas e sociais. Os sistemas de ensino também cresceram e mudaram

mais rapidamente do que em qualquer outra época. Todos eles, porém, têm se adaptado muito vagarosamente ao ritmo mais veloz dos acontecimentos que os rodeiam. O conseqüente desajustamento - que tem assumido as mais variadas formas - entre os sistemas de ensino e o meio a que pertencem constitui a essência da crise mundial da educação (COOMBS, 1986, p.21).

Ainda sobre o desajustamento que a educação passa e sofre ao mesmo tempo, Coombs (1986, p.24) pontua:

Com efeito, a crise mundial da educação está transpassada de ironia. Enquanto a crise ocorreu em meio a uma virtual explosão de conhecimentos, a educação - a principal criadora e transmissora de conhecimentos - tem falhado de modo geral na aplicação a sua própria vida interna das funções de pesquisa que exerce na sociedade. O ensino não foi capaz de fundir no professorado, para uso nas salas de aula, os novos conhecimentos e métodos tão necessários para a correção do desajustamento entre o desempenho e as necessidades da educação. Coloca-se, assim, em uma posição ambígua. Exorta todos os demais a mudarem seu modo de agir, mas parece teimosamente resistente à inovação em seus próprios assuntos.

Há, portanto, um conjunto de fatores que favoreceu a criação do conceito de educação não formal, ao menos como campo pedagógico observável e possível de estudos e pesquisas. Outros fatores, além da crise do sistema formal de ensino, influenciaram a criação desse campo de educação.

### **A LEGITIMAÇÃO DA CRIAÇÃO DO CONCEITO: PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

Pastor Homns (2001) reconhece na obra de Coombs a origem dos termos "educação não

formal” e “informal” aplicados à área da educação. A autora não está preocupada em apontar as questões culturais, sociais, históricas e econômicas do aparecimento e valorização da educação não formal como ação e suas atividades, mas em demonstrar a trajetória teórica do conceito de educação não formal. Pastor Homs encontra na obra de Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (Pastor Homs, 1973, p.10), a primeira preocupação em diferenciar e definir esses termos.

Trilla (1987, p.34) também assume a obra de Coombs como inaugural no que tange aos aspectos da educação formal, não formal e informal:

*Seguramente, quienes primero marcaron las diferencias entre los tres tipos de educación utilizando la terminología indicada (formal, no formal e informal), fueron Philip Coombs y sus colaboradores en un artículo publicado en 1973. En 1974, en una obra de P.H. Coombs y M. Ahmed se insistía en aquella tripartición.*

Trilla confirma que o termo “educação não formal” torna-se popular no contexto educacional em 1967, com a *International Conference on World Crisis in Education*, que ocorreu em Williamsburg, Virginia, nos Estados Unidos. A elaboração de um documento-base do congresso sob responsabilidade do Instituto Internacional de Planejamento da Unesco, sob coordenação de Coombs - revela a necessidade de desenvolver meios educativos que não se restrinjam somente aos escolares.

É possível concluir que, a partir desse documento, a área da educação não formal como campo pertencente ao setor educacional começa a ser oficializada. Parece ser esse o momento que alimenta uma série de questões conceituais sobre essa outra “modalidade” educacional; momento no qual discussões sobre

a crise da educação formal estão acontecendo, considerando as observações realizadas pela UNESCO em países pobres e com problemas educacionais e as discussões sobre as variáveis que esses países lançavam mão para tentar driblar e encaminhar suas dificuldades. A educação não formal como acontecimento subsidia a compreensão do que está acontecendo. Ao procurar exemplos de ações características do setor não formal anterior à década de 1960, encontraremos muitas experiências não só no Brasil<sup>5</sup> como em outros países. É possível citar, como exemplo, diferentes tentativas de educação alternativa, como a educação libertária proposta por anarquistas e outros.

Esse movimento de fortalecimento do campo da educação não formal também é evidenciado no verbete *Nonformal Education* da *The International Encyclopedia of Education*, escrito por Radcliffe e Colletta (1985). Segundo os autores a identificação da educação não formal como um processo que pudesse ser vantajoso e apoiado por agências de desenvolvimento conduziu à busca por modelos e experiências e a publicação de muitos estudos de casos. Sheffield e Diejomaoh (1971) relataram a educação não formal na África e Van Rensberg (1972) no seu trabalho pioneiro em Botswana. Após o relatório original de Coombs; Prosser e Ahmed (1973) para UNICEF, seguiram-se duas publicações do Banco Mundial dos mesmos autores: *Attacking Rural Poverty: How Nonformal Education Can Help* de 1974, e a coleção editada *Education for Rural Development: Case Studies for Planners* de 1975. La Belle (1976) editou um estudo de programas latino-americanos e também organizou um simpósio: *Comparative Education Review* (1976, volume 20, número 3). Outros estudos importantes são os de Bock e Papagiannes (1976) e Simkins (1987).

Os autores destacam o programa da *Michigan State University* como o mais ambicioso deles e que, desenvolvido com o apoio da Agência

<sup>5</sup> Sobre propostas realizadas no Brasil, ver as diversas obras de Paulo Freire, em especial as relacionadas ao movimento de alfabetização de adultos.

dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), adotou a educação não formal como programa principal do seu escritório de assistência técnica em 1970. Um Centro de informação sobre educação não formal (*Nonformal Education Information Center - NFEIC*) foi criado em 1974, tendo publicado a revista *The NFE Exchange*. Além da Revista, o NFEIC regularmente resumiu informações na forma de projetos que se destacaram e preparou seleções de bibliografias comentadas.

Pastor Homs (2001), reconhecendo a importância dos estudos realizados pelo Programa Michigan/USAID em colaboração com o Centro de Estudos California *Society for Nonformal and Youth Education* da Extensão Cooperativa da Universidade da Califórnia e concordando com Trilla, declara que a “consolidação” do conceito de educação não formal se deu nos anos 1970:

[...] evidentemente, la propia existencia de estos grupos y programas institucionalizados que, a su vez, dan origen a la publicación da abundante bibliografía sobre la educación no formal son, como bien dice Trilla, un indicador claro de la consolidación del concepto a partir de los años setenta en adelante. Hay que destacar también en esos años el proceso de oficialización a nivel internacional del término “educación no formal”, que aparece por primera vez en el Tesoro de la Educación de la UNESCO (1977) definida como aquella que incluye – ‘las actividades o programas organizados fuera del sistema escolar, pero dirigidos hacia el logro de objetivos educacionales definidos’ (Pastor Homs, 2001, p. 536).

Trilla (1987, p.10) menciona as primeiras discussões sobre a criação do conceito de educação não formal como questão teórica a ser discutida, refletida e analisada na Espanha.

El mes de marzo de 1974 tuvo lugar en Barcelona la realización de unas Jornadas sobre Educación Informal. Fueron organizadas por un seminario dirigido por el Dr. A. Sanvisens, cuyos miembros éramos entonces en su mayor parte estudiantes de Pedagogía en la Universidad de Barcelona.

Apesar de o Brasil estar entre os países que recebiam as propostas de educação não formal vindas dos Estados Unidos, é só a partir da década de 1980 que surgem as discussões relacionadas à educação de adultos, e na década de 1990 que aparecem as primeiras publicações brasileiras sobre o tema.

Enquanto outros países se preocupavam em entender e conceitualizar a educação não formal, tanto para compreenderem outros e diferentes processos educativos que emergiam nos seus contextos educacionais, quanto para encontrar opções de desenvolvimento para países da periferia do capitalismo, só há pouco tempo o Brasil começou a se debruçar sobre a trajetória da educação não formal.

Ao analisarmos as primeiras publicações que abordam a temática da educação não formal inferimos que, provavelmente, essa terminologia chegou até nós pelas pesquisas norte-americanas, em especial, pela publicação da obra de Coombs no Brasil, em 1976, e posteriormente pela inserção da bibliografia espanhola através de pesquisadores desse campo no Brasil.

Em relação à bibliografia<sup>6</sup> brasileira, o que nos parece ser a primeira publicação que menciona a educação não formal, considerando-a como um conceito já em uso, é o livro de Carlos Alberto Torres - *A Política da educação não formal na América Latina*, publicado no Brasil em 1992, traduzido do inglês (*The Politics of nonformal education in Latin America*, 1990). Essa obra se preocupou em estudar prioritariamente a educação de jovens e adultos

<sup>6</sup> Para maiores detalhes da bibliografia nacional sobre o tema ver GARCIA, 2009.

na América Latina. Libâneo (2002), em seu livro *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*, editado pela primeira vez em 1998, traz uma discussão sobre os conceitos de educação formal, não formal e informal, inserida em um de seus capítulos. Posteriormente o livro de Maria da Glória Gohn, em 1999, e a coletânea *Educação não formal: cenários da criação*, organizados pelas pesquisadoras Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes, em 2001, demarcam a pesquisa nesse campo no Brasil, e posteriormente os livros: *Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos* (Park & Fernandes, 2005) e *Palavras-chave em educação não formal* (Park, Fernandes & Carnicel, 2007).

É importante considerar que a educação não formal, como área do conhecimento pedagógico, passou a ser observada como válida e como possibilitadora de mudanças, inclusive dentro da própria concepção de educação, a partir de seu aparecimento e de sua inclusão como área pedagógica em documentos e artigos relevantes da área educacional.

O movimento da educação não formal se deu através da existência de diferentes ações que eram mediadas por relações educacionais, mas que não eram consideradas como educação por não obedecerem a uma série de requisitos formais, e que, na prática, estavam construindo diferentes modos de vivenciar e compreender a construção do conhecimento. A prática construída pela educação não formal, portanto, foi observada e passou a ser considerada como uma possibilidade educacional no momento de debates sobre a crise da educação escolar. Outros jeitos de “fazer” educação foram percebidos como válidos e, a partir de então, ganharam espaço, *status* e uma nova área educacional, por oposição ao que estava (e está) em crise. Parece ser esse o momento do nascimento não da ação da educação não formal, mas da educação não formal como área conceitual.

O fato de a educação não formal passar a ser percebida em um momento considerado como de agravamento da crise da educação formal dá margem à compreensão de que ela tenha surgido para cumprir as funções da educação formal. Entretanto o movimento foi outro, as relações sociais já pediam outras intervenções nas diferentes práticas educacionais:

*Esta sincronía parece sugerir que la educación no formal no se ha desarrollado sólo para atender a funciones ‘extraescolares’, a tareas impropias de la escuela, sino que también se ha visto impulsada por una especie de desconfianza social latente hacia tal institución* (TRILLA, 1996, p.220).

Trilla (1996) também declara que já na década de 1970 iniciam-se numerosos estudos acadêmicos no campo da educação não formal, elencando uma bibliografia considerável e citando os estudos realizados por Cole S. Brembeck no *Program of Studies in Non-Formal Education*, do *Institute for International Studies in Education* (IISE). Mesmo assim, o próprio Trilla aponta a juventude do campo da educação não formal como área pedagógica, considerando a produção sobre o tema ao informar que: “[...] *son muy escasas las obras que tratan de ofrecer un tratamiento conjunto y sistemático de aquel diverso y disperso sector no formal*” (p.12).

Em 1974, esse mesmo programa elabora um artigo que aborda a problemática da definição do conceito de educação não formal, chamando atenção para o fato de ser: “[...] *um novo e excitante campo de investigação e prática*”, e que: “*Desenvolvimento seria a melhor palavra para caracterizar um campo ainda tão aberto à definição e tão difuso em concepção e prática*” (TRILLA, 1996, p.ii)<sup>7</sup>.

Mesmo existindo uma aceitação internacional, ao menos por pesquisadores e

<sup>7</sup> No original: [...] *a new and exciting field of inquiry and practice. [...] Development would be a better word to characterize a field still so open to definition and so diffuse in conception and practice.*

estudiosos, do termo “educação não formal” e das ações e propostas presentes nesse campo, os textos nos mostram que há um processo de aceitação e que em alguns aspectos ele é bastante lento. Parece que, já desde aquela época, não havia muita clareza sobre o que a educação não formal poderia abarcar e qual sua relação com outras áreas do conhecimento, como também havia dificuldades em relação à uma definição conceitual do termo, fato que ainda traz discussões e aponta para a necessidade de estudos e pesquisas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos textos publicados, percebemos que a discussão sobre educação formal, não formal e informal aparece primeiramente nos Estados Unidos, Europa e só mais tarde no Brasil. Essa trajetória fica clara tanto ao analisarmos a bibliografia do tema, como nos estudos realizados por Trilla (1987) e Pastor Homs (2001). Trilla (1987, p.18) nos apresenta os fatos datados:

*Un hecho importante en este sentido fue la publicación en 1968 de la muy conocida obra de Philips H. Coombs, The World Educational Crisis, en la que se dedicaba un capítulo entero al tema que nos ocupa. Esta obra es la versión revisada del texto que sirvió de base a las discusiones de la “International Conference on World Crisis in Education”, que tuvo lugar en octubre de 1967 en Williamsburg, Virginia (EE. UU.)[...].*

*Por lo que se refiere a nuestro país [España], en la introducción y estudio del concepto fueron pioneras las ya mencionadas “Jornadas de estudio sobre la Educación Informal”, celebradas en 1974 y organizadas por el Departamento de Pedagogía Sistemática de la Universidad de Barcelona <sup>8</sup>.*

O verbete *Nonformal Education* (p.3536), encontrado na *The International Encyclopedia of Education* (1985) sob responsabilidade de D.J Radcliffe & N.J. Colletta, esclarece o desenvolvimento recente do conceito, mostrando que embora tenha ganho notoriedade rapidamente nos anos 1970, não é um conceito novo, pois relatórios da Unesco lidam com as mesmas questões, chamando-o de “desenvolvimento comunitário” e “educação comunitária” nos anos 1950 e de “letramento funcional” nos anos 1970. Os autores também nos chamam a atenção para uma possível trajetória histórica e cronológica entre educação informal, não formal e formal, situando-as em termos de progressão, partindo da educação informal para a educação não formal, sendo a educação formal o último estágio.

Na mesma enciclopédia, Bock e Bock (1985) nos informam que o conceito ganhou popularidade após a segunda guerra mundial e a criação de novas nações independentes. Mencionam que as lideranças dessas nações tiveram necessidade de incrementar as possíveis visões alternativas à escolarização formal como um meio de auxiliá-las a resolverem problemas de desenvolvimento econômico e social. Apesar dessa característica, os autores chamam a

---

Nesse período (década de 1970), no Brasil, eram bastantes fortes as discussões sobre desenvolvimento nas ciências sociais, sendo esta área a reconhecida para compreender os entraves e constrangimentos no processo de transformação do Brasil em um país desenvolvido. Em função do grande número de discussões que concebiam os assuntos relacionados ao desenvolvimento como prioritários, a área educacional pode ter sentido necessidade de dar respostas desenvolvimentistas às suas questões emergenciais: “Uma preocupação enraizada nas mais caras tradições da Universidade de São Paulo que, desde o seu início assumira uma existência devotada justamente ao estudo e reconhecimento dos bloqueios à transformação do Brasil num país desenvolvido e moderno. Daí que o tema da educação na escola sociologia de São Paulo assumisse dimensão criativa e transformadora, ressocializadora como o próprio Florestan Fernandes a entende.” (Martins, 1994, p. 55).

Para maiores detalhes ver Fernandes (1960) e Ianni (1963).

<sup>8</sup> Para uma pequena demonstração da força desse campo educacional na Espanha, atualmente na Universidade de Barcelona, assim como em outras universidades espanholas, existe graduação e pós-graduação em pedagogia social. Também em outros países podemos encontrar cursos superiores nessas áreas. Uma outra modalidade são os cursos técnicos nesses

atenção ao fato de que a realização de programas apenas em países em desenvolvimento não é uma marca da educação não formal. E que países desenvolvidos se utilizam dessa especificidade educacional para vários fins.

Bock e Bock (1985) apontam que no início da década de 1970 houve uma grande excitação sobre as possibilidades da educação não formal e que ela derivava, em certa medida, da frustração com a escolaridade. Creditava-se à educação não formal um potencial em atingir alguns dos objetivos que a educação formal havia falhado em obter. A educação não formal foi vista como possuidora de capacidade única para preencher funções específicas que a escolarização nunca foi designada a ter.

Em relação às pesquisas espanholas, Pastor Homs nos aponta que na década de 1980 se dá plenamente a entrada do conceito de educação não formal, iniciando-se os primeiros estudos e publicações sobre o tema no país. A autora destaca as publicações de R. Nassif: “*Teoría de la Educación*” de 1980, o Seminário Iberoamericano sobre “*Modalidades no formales en la educación de adultos*”, realizado pela *Organización de los Estados Americanos*, através do *Proyecto PREDE* e da *Sección de Ciencias de la Educación de la Universidad Autónoma de Barcelona*, que tiveram seus trabalhos publicados na revista *Educación* nº 1, 1981, destacando os autores: Saramona (1981)

e Tarín (1981). Ainda na década de 1980, a autora destaca o *Seminário Interuniversitário de Teoría de la Educación*, realizado em Salamanca no ano de 1983, apontando a importância dos autores: Touriñán (1983); Requejo (1983) e Trilla (1983). Pastor Homs continua sua análise apresentando outros pesquisadores e estudiosos do tema, além de pontuar divergências entre eles e suas concepções sobre educação não formal.

Pastor Homs (2001) apresenta como importantes meios de divulgação que se preocuparam em conceituar e divulgar a concepção de educação não formal: O *Tesouro de la Educación* da UNESCO (1977); a *Terminología de la Educación de Adultos* da UNESCO (1979); a *Documentation et Information Pedagogiques* (ano 53, números 212 e 213 de 1979); a *International Review of Education* (volume 8, número 2 de 1982) e a *Enciclopedia Internacional de la Educación* (primeira versão de 1985), editada por Pergamon Press em: Oxford, Nova Iorque, Toronto, Sidney, Paris e Frankfurt, (a versão espanhola é de 1989).

Enfatizamos que existe um amplo debate teórico na Espanha sobre os conceitos de educação não formal, formal e informal, percebido através das diversas publicações e confirmado em conversa informal com o Prof. Jaume Trilla<sup>9</sup>.

É Pastor Homs (2001) a autora que nos apresenta um trabalho de pesquisa sobre o aparecimento do termo “educação não formal”,

campos, com menor duração, como, por exemplo, técnico *en educación para el tiempo libre y la recreación e analista en investigación social*, ambos da Universidade Católica de Montevideo (na América do Sul, a maior referência para a Pedagogia Social é o Uruguai - em 2005 sediou o *Congreso Internacional Juego, Recreación y Tiempo Libre* e o XVI Congresso Mundial de Educadores Sociales, organizado pela *International Association of Social Educators* (AIEJI); em ambos os congressos foram discutidas questões relativas à formalização da profissão de educador social). A Pedagogia Social é regulamentada como profissão na Espanha, México, Argentina, Chile e Venezuela, de acordo com informações do grupo responsável pelo Projeto Incubadora Social, financiado pela Fapesp, situado na USP ([www.pedagogiasocial.incubadora.fapesp.br](http://www.pedagogiasocial.incubadora.fapesp.br)) acesso em 21/09/2007). Também no Brasil existem algumas universidades que vêm oferecendo a modalidade de educação social em nível de pós-graduação.

Dentre os dias 16 e 19 de abril de 2008 ocorreu o II Congresso Internacional de Pedagogia Social organizado pela Faculdade de Educação da USP. Uma das propostas do evento foi a discussão da formação em nível superior e consequentemente a profissionalização da pedagogia social no Brasil. No *folder* de divulgação do evento encontramos: “A Pedagogia Social é uma realidade em várias partes do mundo como campo de formação, de pesquisa e trabalho, inclusive uma profissão regulamentada. Sem conflitar com a Pedagogia Escolar, o Serviço Social e a Psicologia, a Pedagogia Social pode ser oferecida como curso de graduação e especialização para profissionais de qualquer área de formação. Entendemos a Pedagogia Social como um projeto de sociedade, no qual todos os espaços e todas as relações sejam essencialmente transformadoras”. Para maiores detalhes consultar o site oficial do II Congresso Internacional de Pedagogia Social: <[www.usp.br/pedagogiasocial](http://www.usp.br/pedagogiasocial)>.

<sup>9</sup> Visita realizada ao professor em 6 de fevereiro de 2007 na Universidade de Barcelona.



fazendo um apanhado dos autores da Espanha e dos Estados Unidos que pesquisaram esse campo educacional, suas diferenças conceituais, a concretização desse campo e suas possíveis definições. Apresentando as pesquisas realizadas por autores norte-americanos, a autora nos diz que:

[...] *de uno de los programas que se pusieron en marcha, en los Estados Unidos fundamentalmente, para el estudio de la educación no formal, concretamente el de la Universidad del Estado de Michigan que en 1970 adoptó la educación no formal como una de las principales líneas de trabajo de su Oficina da Asistencia Técnica, contando para ello con la colaboración da la Agencia de Estados Unidos para el Desarrollo Internacional (USAID). El programa Michigan/USAID, que incorporó en 1974 un "Centro de Información sobre educación no formal" (NFEIC), ha desarrollado una interesante labor de elaboración de materiales didácticos y de metodologías* (PASTOR HOMS, 2001, p.536).

Nas investigações do *Program<sup>10</sup> of Studies in Non-Formal Education*, situado na *Michigan State University* (1974), a falta de interesse dos setores educacionais em pesquisar outros âmbitos educacionais que não o da educação formal aparece como denúncia ao questionarem o termo "educação não formal":

O problema até agora é que a educação não-formal tem sido relativamente indefinida, porque o setor não-escolar

da educação tem sido de pouco interesse e preocupação para os planejadores educacionais. Então, embora precisemos de um termo para designar este amplo e extenso setor de recursos e operações educacionais, a melhor distinção que podemos fazer é arbitrária e desconectada da teoria sistemática (p.11)<sup>11</sup>.

Para conhecermos os interesses das pesquisas realizadas em educação não formal, essa informação que nos aparece como denúncia é interessante, mas cabe questionamentos sobre os motivos que levaram instituições norte-americanas a se interessarem por pesquisas sobre educação não formal em países em vias de desenvolvimento. Ficam claros, no texto de Brembeck (1978), o interesse econômico e a preocupação desenvolvimentista, pois as propostas em educação não formal pesquisadas se davam em situações de pobreza, nas quais as práticas nesse campo educacional, muitas vezes, se destacam como alternativas de educação mais barata, mais rápida e com maiores possibilidades de atingir um público maior. Observamos que a educação não formal desponta como proposta educacional em momentos de crise para grupos sociais específicos, considerando principalmente as classes populares.

Dessa forma, a educação não formal como campo conceitual é criada em momentos específicos em diferentes países, e servindo às mais diferentes necessidades. É interessante observarmos como a criação de um campo teórico se dá respondendo a diferentes interesses, e como os meios de divulgação científica são utilizados para concretizar e validar a criação do conceito.

<sup>10</sup> Programa desenvolvido na década de 70, denominado Program of Studies in Non-Formal Education - Institute for International Studies in Education (IISE) da Michigan State University, patrocinado por uma concessão da Agência de Desenvolvimento Internacional e coordenado pelo professor Cole S. Brembeck. O estudo desses artigos é importante para clarear e evidenciar a compreensão do termo *educação não formal*, e principalmente o contexto no qual, originalmente, esse termo aparece no Brasil.

<sup>11</sup> No original: "The problem up until now is that non-formal education has been relatively undefined, because the non-school sector of education has been of little interest and concern to educational planners. Thus, though we now need a term to designate this large and sprawled sector of educative resources and operations, the best distinction we can make is arbitrary and disjunct from systematic theory."

## REFERÊNCIAS

- BOCK, J.; PAPAGIANNIS, G. *The Demystification of non-formal education*. Amherst, Massachusetts: Center for International Education, 1976.
- BOCK, J.C. & BOCK, C.M. Nonformal education: policy in developing countries. In: Husen, T. (Ed.). *The International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon Press, 1985. p.3551-3556.
- BREMBECK, C.S. *Formal education, non formal education, and expanded conceptions of development: occasional papers non formal education*. Michigan: Institute for International Studies in Education, 1978.
- COOMBS, P.H. *A crise mundial da educação*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- COOMBS, P.H.; PROSSER, R.C.; AHMED, M. *New paths to learning for rural children and youth*. New York: ICED, 1973.
- FERNANDES, F. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- GARCIA, V.A. *A educação não-formal como acontecimento*. 2009. Tese [Doutorado] - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- GOHN, M.G.. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 1999.
- IANNI, O. *Industrialização e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- International Review of Education Journal, v.28, n.2, p.113-285. Springer Netherlands, 1982.
- LABELLE T.J. Non-formal education and social change in Latin America. Los Angeles: University of California, 1976.
- LIBÂNIO, J.C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 6. ed. São Paulo: Cortez: 2002.
- MARTINS, J.S. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- NASSIF, R. *Teoría de la educación*. Madrid: Cincel-Kapelusz, 1980.
- PARK, M.B.; FERNANDES, R.S. (Org.). *Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos*. Campinas: Unicamp, 2005.
- PARK, M.B; FERNANDES, R.S.; CARNICEL, A. (Org). *Palavras-chave em educação não-formal*. Campinas: Unicamp, 2007.
- PASTOR HOMS, M.I. Orígenes y evolución del concepto de educación no formal. *Revista Española de Pedagogía*, v.49, n.220, p.525-544, 2001.
- RADCLIFFE, D.J.; COLLETTA, N.J. Nonformal education. In: Husen, T. (Ed.). *The International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon Press, 1985. v.6, p.3536-3540.
- REQUEJO, A. Dimensión histórico-problemática y perspectiva etnológica de la educación formal - no formal - informal. In: ACTAS DEL SEMINARIO DE TEORIA DA LA EDUCACIÓN, 1983, Salamanca. Salamanca, 1983.
- SARRAMONA, J. Princípios que justificam la metodología no formal en la educación de adultos. *Revista Educar*, n.1, p.49-60, 1981/1982.
- SIMKINS, T.J. Non-formal education and development: some critical issues. Department of adult and higher education, Monograph 8. Manchester Manchester: University, 1977.
- SHEFFIELD, J.R.; DIEJOMAOH, V. *Non-formal education in African Development*. New York: [s.l.], 1971. (Report of a survey conducted by the African-American Institute).
- SIMSON, O.R.M; PARK, M.B.; FERNANDES, R.S. (Org.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Unicamp, 2001.
- SCRIBNER, S.; COLE, M. Cognitive consequences of formal and informal education. *Science*, v.182, n.4112, p.553-559, 1973.

TARÍN-ARZAGA, L. Papel da la tecnologia en la enseñanza no formal. *Revista Educar*, n. 1, p. 61-69, 1981/1982.

HUSEN, T. (Ed.). *The International encyclopedia of education*. Oxford: Pergamon Press, 1985. v.6, p. 3536-3558.

TORRES, C.A. *Política da educação não-formal na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURIÑÁN, J.M. Análisis teórico del carácter "formal", "no formal" e "informal" de la educación. In: *PAPERS d'educació, conceptos y propuestas*, 1. Valencia: Universidad de Valencia, 1983. p. 105-127.

TRILLA, J. *La educación informal*. Barcelona: PPU, 1987.

TRILLA, J. *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

TRILLA, J. A educación non formal e a cidade educadora. Dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizadota) do universo da educación. *Revista Galega do Ensino*, n. 24, Especial Especial, 1999.

UNESCO. *Terminología: tesouro de la educación*. Paris: Unesco, 1977.

UNESCO. *Terminología de la educación de adultos*. Paris: Unesco, 1979.

VAN RENSBERG P. *Swaneng Hill: The Botswana Youth Brigades*. Uppsala: The Hammarskjold Foundation, 1972.

Recebido em 30/4/2009 e aceito para publicação em 27/10/2009.

